

IMPACTOS DA COVID-19: A SAÚDE E A “SAÚDE” DO CONTINENTE AFRICANO

Marcelle Bessa¹

SINOPSE

Este artigo busca discutir de que forma a pandemia provocada pelo novo coronavírus atinge e impacta a África, um continente com sistemas de saúde deficientes e que já vinha enfrentando outras epidemias. Além desta precariedade, a África enfrenta diversos problemas de infraestrutura, econômicos, sociais, humanitários e de segurança, o que não apenas aumenta sua vulnerabilidade à pandemia, como dificulta o seu enfrentamento. Este trabalho está centrado em três argumentos: *i)* os impactos da pandemia não se restringem à saúde; *ii)* as consequências – econômicas e sociais – da Covid-19 na África (até o presente) decorrem principalmente de fatores exógenos, isto é, são importadas de outras regiões (União Europeia, China, entre outras); e *iii)* os impactos e as medidas de enfrentamento da pandemia não são homogêneos no continente africano.

Palavras-chave: Covid-19; pandemia; coronavírus; África; impactos.

ABSTRACT

This paper aims to discuss how the pandemic caused by the new coronavirus affects and impacts Africa, a continent with poor health systems that is already dealing with other epidemics. Besides such precariousness, Africa faces several other infrastructure, economic, social, humanitarian, and security problems, which not only increase its vulnerability to the pandemic but also make it more difficult to deal with the crisis. The article develops three arguments: *i)* the impacts of the pandemic are not restricted to health; *ii)* the consequences – economic and social – in Africa result (until the present) mainly from exogenous factors – that is, they are imported from other regions (European Union, China, among others); and *iii)* the impacts and the measures to deal with the pandemic are not homogeneous across African countries.

Keywords: Covid-19; pandemic; coronavirus; Africa; impacts.

JEL: O55.

Artigo recebido em 28/7/2020 e aprovado em 10/8/2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/bepi27art5>

1 INTRODUÇÃO

“A Covid-19 virou o mundo de cabeça para baixo” (UNICEF, 2020, p. 3),² tudo e todos foram impactados, todos os aspectos da vida moderna foram afetados. No fim de janeiro de 2020, havia relatos da nova doença em vinte países, porém, esse número cresceu rapidamente: no fim de fevereiro, havia relatos em 54 países e, no final de março, 202 países apresentavam casos, chegando a 212 em abril (UNICEF, 2020). A Covid-19 se espalhou por todos os continentes, com exceção da Antártida. Globalmente, as áreas urbanas são os epicentros, onde a vasta maioria dos casos foi confirmada –

1. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); e pesquisadora do subgrupo Escassez de Recurso do Laboratório de Simulações e Cenários da Escola de Guerra Naval (LSC/EGN).

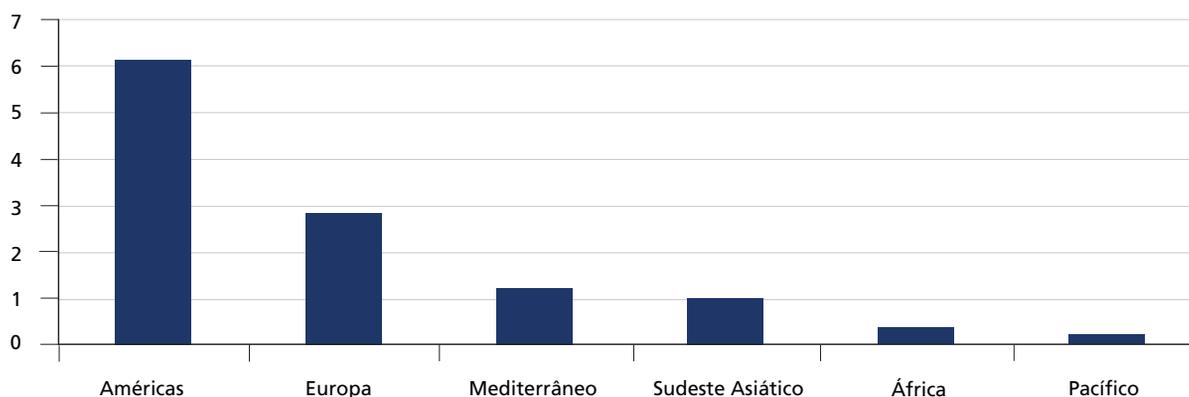
2. “Covid-19 has turned the world upside down.”

cerca de 95% (UN-HABITAT, 2020). Contam-se, no momento, 11.874.226 infectados e 545.481 mortos, em 216 países, geograficamente distribuídos conforme apresentado nos gráficos 1 e 2.^{3,4}

GRÁFICO 1

Número de casos confirmados de Covid-19

(Em milhões)

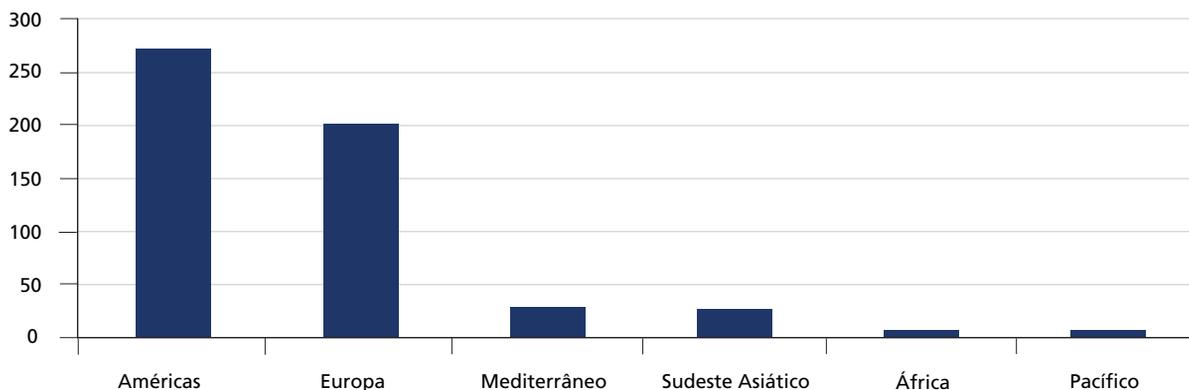


Fonte: OMS.

GRÁFICO 2

Número de mortes pela Covid-19

(Em 1 mil)



Fonte: OMS.

Não obstante as projeções catastróficas, nota-se que a região africana apresenta – até o momento de finalização deste trabalho – um número reduzido de casos, bem como de mortes, em comparação às demais regiões. Segundo Bessa (2020), a OMS alertou sobre a possibilidade de haver entre 83 mil e 190 mil mortos, além de o vírus permanecer latente por vários anos. Vale destacar que apesar do perfil demográfico favorável, com 60% da população abaixo de 25 anos, grande parte integra o grupo mais vulnerável devido a fatores como desnutrição e doenças cardiovasculares, respiratórias

3. Os dados são referentes a 9 de julho de 2020. Cabe ressaltar que até a finalização desta pesquisa esses números encontravam-se em aceleração.

4. É importante destacar que a Organização Mundial da Saúde (OMS) não considera região africana os países do norte e do Chifre da África. Desse modo, para fazer uma comparação global, utilizamos as estatísticas da OMS, mas para um estudo continental, adotaremos as estatísticas da União Africana, englobando todo o continente. As regiões e os países da OMS e da União Africana podem ser verificados no apêndice.

e renais, além de condições imunocomprometidas, incluindo HIV/Aids e tuberculose. Além disso, 600 milhões de africanos vivem em áreas urbanas (43,6% do total), sendo 56% em assentamentos informais, e muitos não têm acesso à água potável (80% em Lagos, por exemplo) ou estão situados em locais superpopulosos (UN-HABITAT, 2020).

Ademais, a região africana receberá os impactos pandêmicos, que podem ser desestabilizadores – como será discutido neste trabalho –, em um cenário de frequente violação de direitos humanos, crises humanitárias e conflitos, além de haver diversos problemas de infraestrutura e baixa diversificação econômica, que se somam aos dilemas médicos e sanitários existentes.

A previsão é que a pandemia acarrete profundas consequências em todas as regiões⁵ e em todos os setores. Oferta e demanda foram impactadas negativamente. Entre fevereiro e março ocorreu a maior queda mensal nos preços das *commodities* já registrada. Estimam-se quedas mundiais de 9% no PIB e na produção industrial em 2020 e diminuição de quase 27% no comércio global no segundo trimestre deste ano. No âmbito social, a perspectiva é de perda de 10,5% no total de horas trabalhadas, o equivalente a 305 milhões de trabalhadores em tempo integral; no caso dos estudantes, cerca de 1,6 bilhão foi afetado pelo fechamento de escolas; além de 40 milhões a 60 milhões de pessoas serem empurradas para a extrema pobreza (UNICEF, 2020).⁶

Tendo em vista esse cenário, este estudo buscará discutir de que forma a Covid-19, que impactou primeiramente parceiros comerciais importantes para a África, poderá afetar a economia do continente em tela. Vale salientar que os impactos, sobretudo na demanda e na oferta de recursos, nas regiões primeiramente atingidas pela pandemia produziram diversas consequências para a África, afetando a região antes e depois da difusão da Covid-19 no continente.

Para tal análise, este artigo encontra-se dividido em três seções, além desta introdução e das considerações finais. Na seção 2, investigaremos a capacidade dos sistemas de saúde africanos para o enfrentamento da Covid-19. Na seção seguinte, buscaremos apresentar os impactos nos setores econômicos e sociais da região africana. As diversas medidas adotadas, em nível global, regional e local são apresentadas na seção 4. Por fim, argumentaremos que os impactos na África vão muito além da pandemia.

2 A SAÚDE E OS SISTEMAS DE SAÚDE NO CONTINENTE AFRICANO

Conforme demonstrado nos gráficos 1 e 2, a África apresenta baixos números de casos e de mortes decorrentes do novo coronavírus. No entanto, essas taxas podem ser reflexo da precariedade dos sistemas de saúde, que dificulta tanto a testagem como a comunicação do número de casos. Uma outra possibilidade – que não exclui a anterior – é que a experiência regional no gerenciamento de epidemias pretéritas, que ocorre com o envolvimento de comunidades, comunicação de riscos e adaptação de métodos locais, pode ter resultado em um melhor enfrentamento da pandemia em relação a outras regiões. Vale lembrar, por exemplo, que as estruturas de combate ao vírus ebola foram adaptadas para o cuidado a pacientes da Covid-19 na República Democrática do Congo (RDC) (Bessa, 2020).

5. Na Europa, houve redução no produto interno bruto (PIB) de cerca de 3,5% no primeiro trimestre de 2020, a maior queda desde 1995, quando as séries temporais foram iniciadas (UNICEF, 2020).

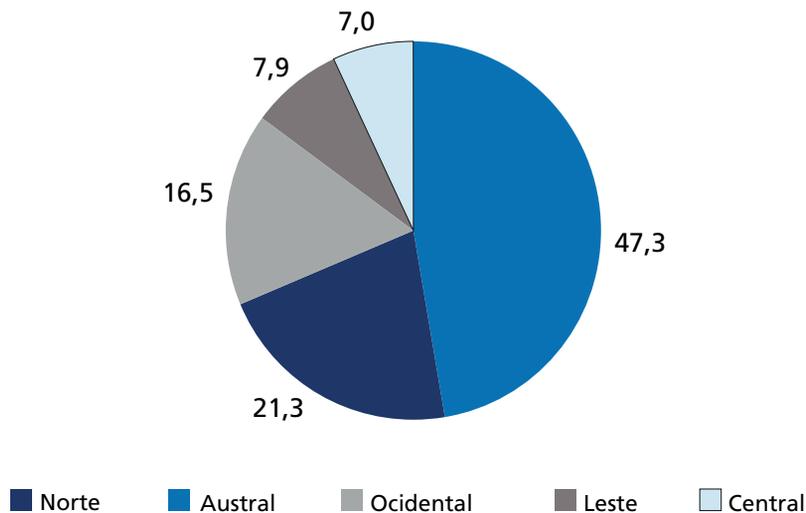
6. Salienta-se que tais estimativas foram realizadas em maio de 2020, de maneira que podem se modificar conforme a expansão da pandemia e seus impactos.

Deve-se considerar, ainda, a possibilidade de a Covid-19 não ter alcançado seu ápice na região. O Centro de Controle e Prevenção de Doenças da África (CDC África)⁷ definiu quatro fases de expansão da doença. A fase 1, ou surto inicial (*early stage outbreak*), é quando há um ou mais casos importados com transmissão local limitada e relacionada a casos importados. Na fase 2, chamada expansão do surto (*expanding outbreak*), ocorre o aumento do número de casos importados e de disseminação local, mas todos relacionados à cadeia de transmissão identificada. Na fase 3, ou surto avançado (*advancing outbreak*), há fusão de surtos localizados, mortes fora da cadeia de transmissão conhecida, geração de cadeias e detecção de casos graves de síndrome respiratória aguda grave (SRAG) sem exposição conhecida. Finalmente, na fase 4, ou grande surto com transmissão nacional (*large outbreak with nationwide transmission*), a transmissão comunitária sustentada torna-se generalizada, há identificação de cadeias de transmissão de várias gerações e transmissão em (quase) todo o país. Deve-se salientar que podem ocorrer surtos e picos regionais e nacionais, não há linearidade por toda a região. De acordo com o CDC África, nenhum país africano atingiu, até o momento, a última fase de transmissão. Todos os Estados, com exceção de Gâmbia (fase 1),⁸ encontram-se nos estágios 2 ou 3. Os casos e mortes⁹ no continente africano estão distribuídos conforme apresentado nos gráficos 3 e 4.¹⁰

GRÁFICO 3

Casos de Covid-19 no continente africano, por região

(Em %)



Fonte: União Africana.

7. Africa Centres for Disease Control and Prevention (Africa CDC).

8. A posição geográfica de Gâmbia é um dos fatores para o país ainda se encontrar com baixa transmissibilidade (figura A.1 do apêndice).

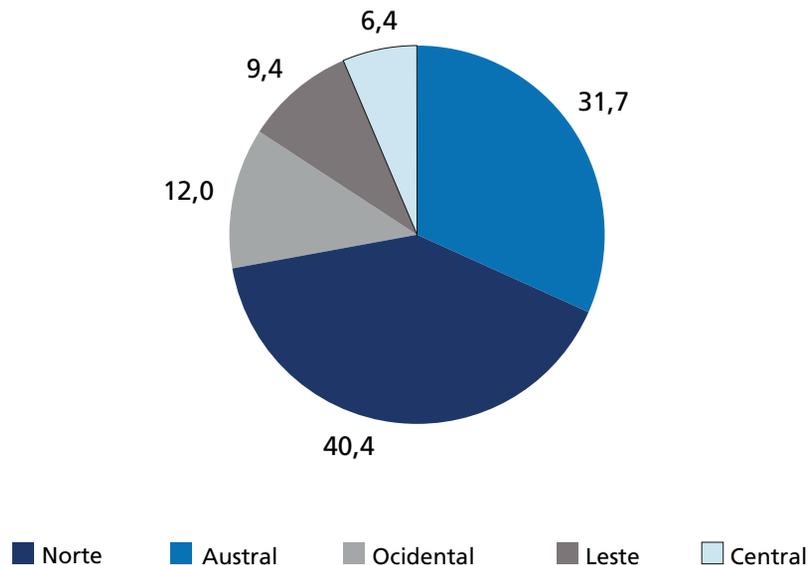
9. Estatísticas até 7 de julho de 2020.

10. Ver países pertencentes a cada região no quadro A.2 do apêndice.

GRÁFICO 4

Mortes por Covid-19 no continente africano, por região

(Em %)



Fonte: União Africana.

Além disso, é importante destacar que, de acordo com o CDC África, apenas cinco países acumulam quase 82% dos casos: África do Sul (61,9%), Egito (9,5%), Nigéria (4,2%), Gana (3,8%) e Argélia (2,4%) (Africa CDC, 2020). Esses países possuem forte ligação com o exterior,¹¹ sobretudo com a China, e foram cenário dos primeiros casos da doença na África (Bessa, 2020). A taxa de letalidade é superior à média mundial (5%) em quatro países africanos: Chade (9%), Sudão (6%), Níger (6%) e Argélia (6%).¹²

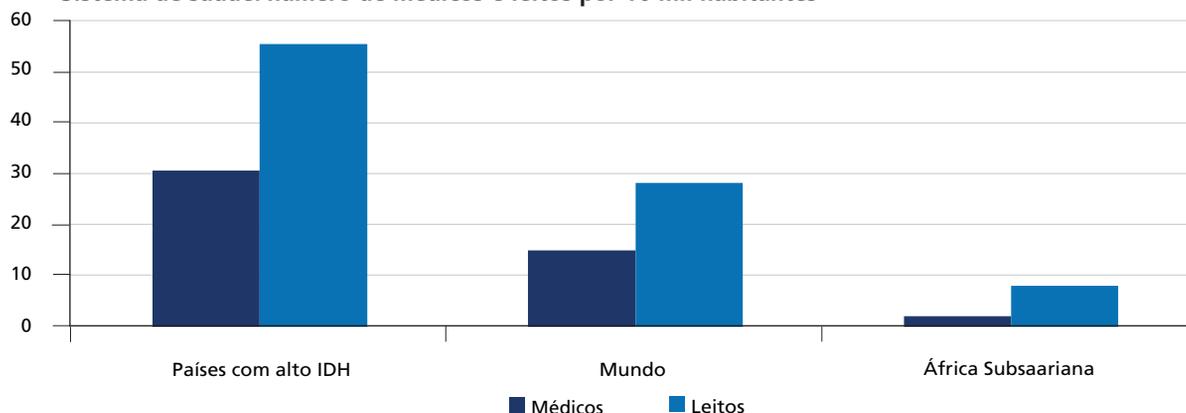
A África comporta 16% da população mundial e 26% das doenças, porém as despesas com saúde constituem menos de 2% do gasto global. Há carência de médicos, leitos e infraestrutura para enfrentamento da pandemia (gráfico 5). Mais especificamente, países como Suazilândia, Zâmbia, Camarões, Zimbábue, Tanzânia, Uganda, Lesoto, Senegal, Togo e Malawi possuem menos de um médico por 10 mil habitantes. Uganda e Lesoto possuem cinco leitos para cada 10 mil habitantes, enquanto no Senegal e em Madagascar essa taxa é de três e dois, respectivamente (UNICEF, 2020).¹³ O número de respiradores – equipamento fundamental para o tratamento de pacientes em estágios avançados da Covid-19 – também é dramático: onze para 19 milhões de cidadãos em Burkina Faso; dezoito para 7,5 milhões de habitantes em Serra Leoa; e três respiradores para 5 milhões de habitantes na República Centro-Africana (Coronavírus..., 2020).

11. Ressalta-se que, nos dados utilizados (até 7 de julho de 2020), Etiópia e Quênia, ambos na fase 3 da pandemia e importantes centros de aviação, não aparecem como principais países em número de casos. Tal fato, no entanto, pode mudar, visto que a Covid-19 ainda está em fase de expansão e em diferentes estágios em cada região.

12. A taxa de letalidade depende do nível de testagem. Dessa forma, caso poucos indivíduos sejam testados, a taxa tenderá a ser "artificialmente" maior.

13. Essa taxa é de catorze médicos por 1 mil habitantes em Mônaco, país em primeiro lugar na lista. Cumpre salientar que esse dado tem fim apenas ilustrativo, pois não se pretende realizar uma análise comparativa da África com outras regiões, uma vez que o continente possui suas particularidades. Mais informações com base nos dados da Central Intelligence Agency (CIA) disponíveis em: <<https://www.indexmundi.com/map/?t=0&v=2227&r=af&l=pt>>.

GRÁFICO 5

Sistema de saúde: número de médicos e leitos por 10 mil habitantes

Fonte: United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD).

Obs.: IDH – índice de desenvolvimento humano.

Diante da precariedade desse sistema de saúde, admite-se que a sua saturação poderá ser mais rápida que em outras regiões, visto que diversos países africanos enfrentam surtos de outras doenças, que podem piorar com o redirecionamento de recursos para o combate à Covid-19. Vale lembrar, por exemplo, que na RDC ocorre o surto de sarampo, que vitimou 1.500 pessoas somente em 2019. Assim, caso os centros de tratamento de outras doenças, como tuberculose, HIV/Aids e ebola, sejam convertidos para o enfrentamento da Covid-19, poderá haver uma catástrofe de saúde silenciosa no continente (Bessa, 2020), catástrofe esta que se dará não devido ao coronavírus, mas por conta de doenças antigas cujo enfrentamento pode vir a ser colocado em segundo plano na atual situação de pandemia. Contudo, além dos impactos em questões de saúde, a pandemia afeta também a economia global.

A Covid-19 se espalhou pelo mundo, em 2020, a partir dos maiores polos urbanos, tornando os riscos para a humanidade mais latentes. O continente africano possui o mais rápido crescimento urbano global, com um aumento de dez vezes da população urbana em seis décadas.¹⁴ A urbanização africana, no entanto, tende a potencializar as taxas de transmissão da Covid-19 devido à falta de planejamento, aos assentamentos informais, além de sérios problemas de infraestrutura. Em 2019, 47% da população urbana africana – 257 milhões de pessoas – vivia em favelas ou assentamentos informais. Apenas 55% dos residentes em áreas urbanas possuem acesso a serviços sanitários básicos e 47% têm acesso à higiene das mãos. Cerca de 71% dos moradores de áreas urbanas trabalham no setor informal, sendo altamente vulneráveis à perda de renda e à restrição de movimentos. Sendo assim, há a necessidade de discussão dos impactos econômicos da pandemia, que, no caso do continente africano, têm se dado principalmente de maneira (extra)regional (UN-HABITAT, 2020).

3 IMPACTOS PARA ALÉM DO SISTEMA ECONÔMICO AFRICANO

Os riscos para o continente africano não se restringem à pandemia – são existenciais e têm grandes efeitos sobre as populações marginalizadas (Bessa, 2020). Assim, o impacto causado pela pandemia nas cadeias produtivas e de suprimentos mundiais pode afetar drasticamente a economia desse continente

14. A população urbana aumentou de 53 milhões para 588 milhões entre 1960 e 2020 (UN-HABITAT, 2020).

pela sua forte dependência do comércio exterior. O comércio intra-africano¹⁵ representa entre 15% e 18% do total de suas trocas, ou seja, mais de 80% são constituídos de trocas extrarregionais, principalmente venda de matérias-primas (Naranjo, 2020). De acordo com estimativas da Comissão Econômica das Nações Unidas para a África (United Nations Economic Commission for Africa – UNECA), a região africana poderá perder, em 2020, cerca de US\$ 100 bilhões em receitas de exportação. Essa perda seria, sobretudo, consequência da queda dos preços das *commodities* e da diminuição da demanda por parte dos países abalados pela pandemia, como China, Estados Unidos e países europeus, que constituem os principais destinos das exportações africanas.

Nesse cenário, os impactos econômicos da pandemia atingiram a África antes mesmo de os casos da doença surgirem, devido à diminuição da demanda por *commodities*, à saída de capitais, à redução do turismo e do transporte aéreo em virtude do fechamento de fronteiras e à desvalorização das moedas locais. Esses efeitos negativos decorrem da compressão da demanda, da queda de preços e da interrupção das cadeias de suprimento. Primeiramente, houve diminuição da demanda pelos países desenvolvidos, importantes parceiros comerciais que foram atingidos pela pandemia antes do continente africano. Conforme relatório da UNECA (2020), de 27 de março de 2020, países então altamente impactados pela Covid-19 eram destino de 51% das exportações africanas e também origem de 53% de suas importações. Com a demanda comprimida, os preços das *commodities* sofreram forte queda. É importante ressaltar que o preço do petróleo bruto, que representa cerca de 7,4% do PIB do continente, está 58% menor, em relação ao período 2016-2018, pressionando as taxas de câmbio e as receitas dos governos africanos.

Os impactos negativos sobre o comércio internacional ocorrem também diretamente na saúde e, conseqüentemente, na possibilidade de respostas imediatas à Covid-19. Todos os países africanos são importadores de produtos médicos e farmacêuticos – 94% desses produtos são importados. No entanto, muitos dos países fornecedores foram fortemente impactados pela pandemia e vários deles limitaram a exportação desses suprimentos, dificultando o acesso africano a produtos essenciais ao enfrentamento da Covid-19 (UNECA, 2020).¹⁶ O gráfico 6 apresenta a dependência do continente em relação à importação de produtos farmacêuticos, sobretudo da União Europeia (UE).¹⁷

Nos últimos três anos, a África importou US\$ 99 milhões em ventiladores e US\$ 151 milhões em máscaras têxteis, principalmente da UE, seguida de China e dos Estados Unidos. Além disso, há a necessidade de importação de *kits* de teste para Covid-19. A vigência de elevadas tarifas de importação (tabela 1) é um fator adicional que pode dificultar a aquisição e a distribuição de produtos essenciais ao enfrentamento dessa doença e das diversas outras epidemias existentes no continente.¹⁸

15. Na Europa, essa porcentagem é de 69%, e na Ásia, 59% (Naranjo, 2020).

16. Disponível em: <<https://bit.ly/2ZlhwL>>.

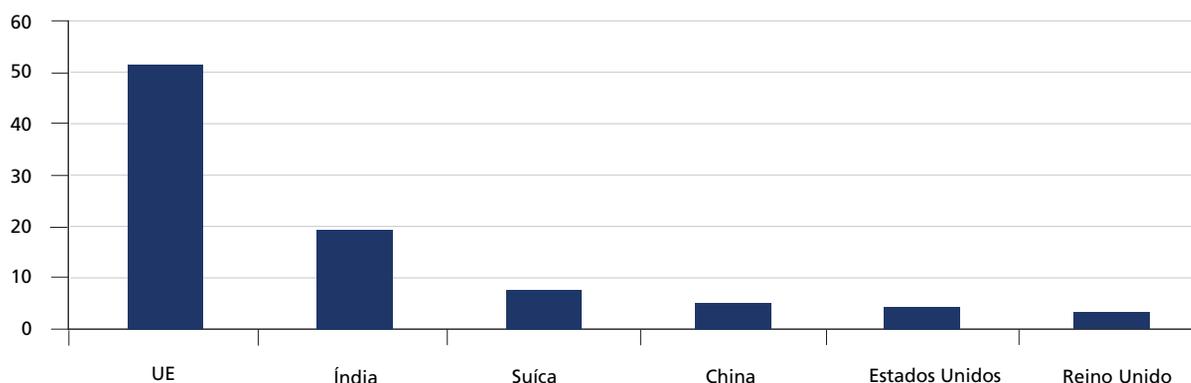
17. Deve-se comentar, também, as exportações de produtos farmacêuticos pelos países africanos. A maior parte dessas trocas ocorre dentro do continente, ou seja, o fechamento das fronteiras, visando ao enfrentamento da Covid-19, pode acarretar sérios impactos no comércio intra-africano, dificultando o combate da pandemia.

18. Cabe salientar que essas são tarifas vigentes antes do período da pandemia, portanto, elas podem ser modificadas, unilateralmente, em casos de emergência de saúde (UNECA, 2020). Contudo, até o momento de coleta de dados deste trabalho, nenhum país africano havia reduzido tarifas de importação de suprimentos médicos relacionados ao enfrentamento da Covid-19.

GRÁFICO 6

África: principais fontes de produtos farmacêuticos

(Em %)



Fonte: UNECA.

TABELA 1

Tarifas de importação

(Em %)

Produto	Mínima	Máxima
Equipamentos de proteção (luvas e máscaras)	18,0	40
Produtos de esterilização	9,1	50
Produtos médicos consumíveis (gaze, seringa, kits de intubação)	7,4	50
Sabão	24,7	50

Fonte: UNECA.

Outro impacto econômico significativo para a África é a queda de remessas do exterior, que constituem importante parcela do poder de compra, representando em alguns países – como Comores, Gâmbia, Lesoto, Libéria e Somália – mais de 10% do PIB. No entanto, as projeções acerca dessas remessas são de declínio – segundo estimativas do Banco Mundial, uma queda de 23,1% para a África Subsaariana em 2020.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), em estimativa de maio de 2020, a economia do continente poderá contrair até 2,6% neste ano, empurrando 29 milhões de pessoas para a pobreza extrema e 19 milhões para o desemprego. Vale lembrar que o crescimento em 2019 foi de 2,6% e as perspectivas eram de expansão de 3,2% em 2020 e de 3,5% em 2021. Além disso, a proporção média entre dívida externa e PIB encontra-se em curva ascendente no continente, por conta, principalmente, da contração do PIB (gráfico 7). Em 2019, essa proporção alcançou 61,3%, resultado, sobretudo, de empréstimos comerciais contraídos em anos recentes para cobrir a lacuna de financiamento de infraestrutura, estimada entre US\$ 68 bilhões e US\$ 108 bilhões por ano – algo entre 3% e 5% do PIB do continente.

Dessa forma, entendemos que a economia africana sofreu impactos de fatores exógenos e endógenos. Os fatores exógenos estão relacionados à queda do turismo,¹⁹ do investimento estrangeiro

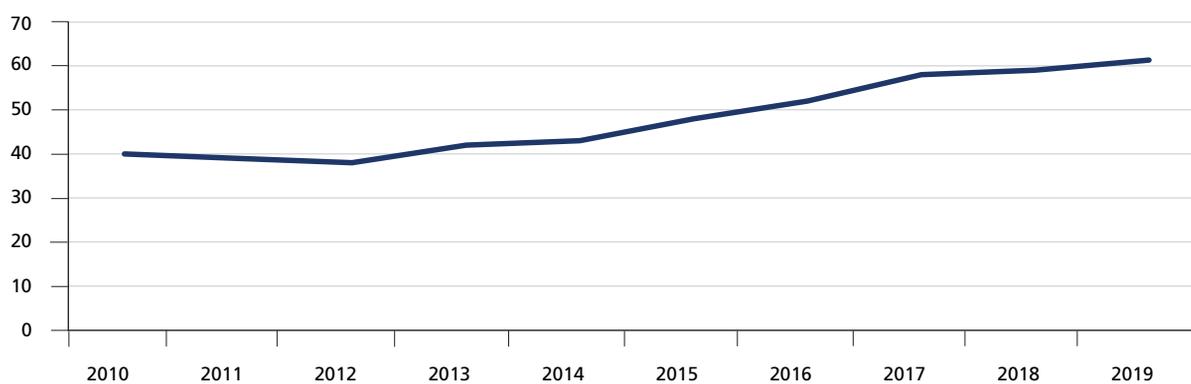
19. As companhias aéreas do continente enfrentam sérias dificuldades financeiras – a South African Airways está à beira do colapso, a Ethiopian Airlines estimou perdas de cerca de US\$ 550 milhões até o início de abril, a Air Mauritius encontra-se sob administração judicial e a RwandAir cortou entre 8% e 65% dos salários pagos, respectivamente, aos funcionários com menor e maior remuneração.

direto (IED), da demanda por suas exportações e das remessas do exterior. Vale lembrar que os principais parceiros comerciais foram atingidos, antes da África, pela Covid-19, com fortes impactos sobre suas economias. Assim, houve diminuição na demanda pelos produtos africanos, sobretudo *commodities*. Uma vez que há queda na demanda por exportações, há perda de renda e de receita pelos governos, justamente quando os gastos governamentais para o enfrentamento da pandemia se expandem (Bessa, 2020).

GRÁFICO 7

Proporção da dívida externa/PIB no continente africano

(Em %)



Fonte: Fundo Monetário Internacional (FMI).

Poderá, ainda, haver impacto sobre a segurança alimentar no curto prazo, pois a pandemia também afetou a cadeia global de suprimentos alimentares. Apesar de o continente africano possuir recursos agrícolas, os países da região importam mais produtos agrícolas e alimentares do que exportam – cerca de 66% de seus alimentos básicos (US\$ 46 bilhões) são importados. Dessa maneira, as crises econômica e de fornecimento geradas pela pandemia podem levar a uma grave crise alimentar e ter implicações de segurança (ONU, 2020).

Outras consequências geradas pela pandemia foram as ampliações nas desigualdades de gênero e sociais. As mulheres africanas possuem maiores dificuldades de acesso a serviços e sistemas de saúde e informação. Além disso, a economia da África tem grande dependência do setor informal, no qual cerca de 90% das mulheres estão empregadas (ONU, 2020). A informalidade, no entanto, não impacta somente as mulheres, visto que grande parte dos africanos está na informalidade, o que dificulta a adoção de medidas de assistência econômica pelos governos. Assim, a combinação entre alto grau de informalidade e medidas de distanciamento social, necessárias ao enfrentamento da pandemia, pode ter consequências desastrosas.

O impacto humanitário também pode ser ampliado e aprofundado. Existem 25,2 milhões de refugiados, requerentes de asilo, deslocados internos e apátridas, grupos altamente vulneráveis à Covid-19 (ONU, 2020). Abrigados em acampamentos superlotados, esses indivíduos convivem com fragilidades de segurança, sistemas de saúde precários e com pouco ou nenhum acesso a serviços de água, higiene e saneamento, além de haver dificuldade de adoção do distanciamento social. É importante lembrar que a África é cenário de diversos conflitos violentos, o que pode resultar no recrudescimento das migrações forçadas que, alinhando-se aos problemas resultantes da pandemia, poderão impactar

negativamente a infraestrutura de serviços sociais, com redução de acesso aos serviços humanitários. Tais questões foram agravadas pelo fechamento de fronteiras, possivelmente levando a aglomerações de pessoas em busca de refúgio em regiões fronteiriças, sob condições precárias.

4 NACIONAL, REGIONAL E GLOBAL: A BUSCA POR APOIO NO ENFRENTAMENTO DA COVID-19

Como tentativas de minimizar os impactos econômicos e sociais da Covid-19 na região africana, esforços foram lançados por diversas organizações, como União Africana, ONU, Banco Mundial e FMI, além de organizações não governamentais (ONGs) internacionais. Medidas foram adotadas, também, pelos governos nacionais africanos, de diversas formas e com intensidades diferentes, de acordo com o estágio da pandemia em cada país.

Em 25 de março de 2020, foi lançado pela ONU, em parceria com ONGs internacionais, um plano humanitário global de US\$ 2 bilhões²⁰ para financiamento da luta contra a Covid-19 em países prioritários,²¹ a maioria deles localizada no continente africano (Covid-19..., 2020). Em maio, o plano foi ampliado para US\$ 6,7 bilhões, expandindo-se para outros países africanos, assim como uma lista de países a serem observados.²² Ademais, houve incentivo para designação de trabalhadores humanitários. Coadunando com esses esforços, o secretário-geral da ONU solicitou, em 17 de abril de 2020, mais US\$ 200 bilhões para a África, como parte de pacote abrangente de resposta global, além da interrupção do pagamento das dívidas externas.²³ Consoante a isso, foram mobilizados cerca de US\$ 57 bilhões para a África, sendo cerca de US\$ 18 bilhões oriundos do FMI e do Banco Mundial. O FMI ofereceu, ainda, alívio da dívida para dezenove países africanos²⁴ (IMF, 2020). Países do Grupo dos Vinte (G20) decidiram suspender o pagamento da dívida pelos países de baixa renda, com início em 1º de maio e vigência até o fim de 2020. Membros da UE, Estados Unidos e China ofereceram apoio a países individuais, além do continente como um todo (G20, 2020).²⁵

A União Africana agiu rapidamente, adotando estratégia continental conjunta já em fevereiro, complementando esforços de Estados-membros e de Comunidades Econômicas Regionais e fornecendo uma plataforma de saúde pública. Além disso, Cyril Ramaphosa, presidente da África do Sul e da União Africana, nomeou quatro enviados especiais em busca de apoio internacional para o enfrentamento das consequências econômicas para a África. Foram solicitados, pelos ministros de finanças africanos e pela União Africana, US\$ 100 bilhões aos parceiros de desenvolvimento – sendo US\$ 44 bilhões para alívio da dívida –, tendo como objetivo o apoio aos sistemas de saúde, aos sistemas de segurança social para grupos vulneráveis e a proteção de empregos. Tais compromissos foram assumidos pelos países do G20 (ONU, 2020).

20. Os primeiros recursos mobilizados foram provenientes do Fundo Central de Emergência da ONU (Covid-19..., 2020).

21. Definidos assim pela OMS, por suas relações com a China. Fazem parte desse grupo: Argélia, Angola, Costa do Marfim, RDC, Etiópia, Gana, Quênia, Maurício, Nigéria, África do Sul, Tanzânia, Uganda e Zâmbia (WHO..., 2020).

22. Regiões periféricas de América, Ásia e África (ONU, 2020).

23. Disponível em: <<https://bit.ly/35lUu4g>>.

24. São eles: Benim, Burkina Faso, República Centro-Africana, Chade, Comores, RDC, Gâmbia, Guiné, Guiné-Bissau, Libéria, Madagascar, Malawi, Mali, Moçambique, Níger, Ruanda, São Tomé e Príncipe, Serra Leoa e Togo.

25. Houve doações privadas, como a da Fundação Bill e Melinda Gates, que doou US\$ 100 milhões para tratamento e proteção de populações em risco, na África e Ásia, e desenvolvimento de vacinas. No entanto, tais iniciativas (privadas), apesar de constituírem importante apoio no combate à pandemia em áreas periféricas, não são parte do escopo deste trabalho.

O CDC África, criado em 2017, colabora estreitamente com a OMS. Complementando os esforços de governos individuais, sua nova Parceria para Testes Acelerados da Covid-19 visa testar cerca de 10 milhões de pessoas no prazo de seis meses. Ademais, criou-se o fundo de resposta à Covid-19, parceria público-privada (PPP) para angariar US\$ 150 milhões para necessidades imediatas e US\$ 400 milhões para apoio à resposta sanitária e à assistência socioeconômica às populações vulneráveis (ONU, 2020). Estima-se que o apoio de credores privados possa alcançar cerca de US\$ 13 bilhões em 2020. Esforços também foram direcionados para a conversão de plantas industriais para a produção de equipamentos e suprimentos para enfrentamento da Covid-19, como respiradores e equipamentos de proteção individual (EPIs). A Ethiopian Airlines reformou 31 ventiladores, além de buscar a produção de outros com parceiros estrangeiros. Equipamentos médicos estão sendo fornecidos aos países africanos por meio dos "voos solidários" da ONU, sob a liderança da OMS, do Programa Mundial de Alimentos (PMA), da União Africana e do CDC África (IMF, 2020). Parcerias entre sociedade civil e setor privado estão agindo, também, em âmbito nacional. Na Nigéria, por exemplo, bancos locais uniram-se para a mobilização de recursos para proteção social e compra de EPIs.

É importante ressaltar que a maioria dos países adotou, rapidamente, medidas de enfrentamento como isolamento social²⁶ e fechamento de fronteiras. Além disso, a abordagem às consequências econômicas e humanitárias, em nível nacional, também foi imediata em alguns países, que anunciaram medidas fiscais e monetárias corretivas, distribuição de alimentos e apoio financeiro a grupos vulneráveis com a pandemia ainda em sua fase inicial (UN-HABITAT, 2020).

Destacam-se também (algumas) ações nacionais. Gana, que adotou confinamento parcial por período limitado, além de monitoramento da mobilidade da população, agiu fornecendo instalações sanitárias e água gratuita para populações vulneráveis. Botswana impactou positivamente os meios de subsistência de vulneráveis por meio da compra de alimentos em comunidades locais. Gana, Guiné e Gabão anunciaram a cobertura de contas da população vulnerável pelos governos, garantindo os abastecimentos de água e energia. África do Sul e Quênia aumentaram o acesso à água nos assentamentos informais e nas áreas rurais. Gabão e Guiné pediram a suspensão das taxas de aluguel para populações vulneráveis²⁷ (UN-HABITAT, 2020). Cumpre salientar que todos os países mencionados encontram-se na fase 3 da pandemia (conforme definido pelo CDC África) e adotaram tais medidas quando ainda se encontravam na fase 1.

Medidas no âmbito da segurança regional foram tomadas, com esforços e pedidos de cessar-fogo. Por intermédio da iniciativa continental nomeada *Silenciando Armas*, o presidente da Comissão da União Africana e o secretário-geral pediram o fim da escalada de violência contra mulheres e meninas, no que foram ouvidos por dezessete Estados-membros.²⁸ Além disso, grupos armados de Camarões, Sudão e Sudão do Sul anunciaram cessar-fogo unilateral temporário. No entanto, tais respostas são frágeis e reversíveis. Na Líbia, em Camarões, na Somália e na República Centro-Africana, os confrontos permaneceram. Verificou-se, ainda, a manutenção de violência, ou intensificação dos ataques, na Somália (ONU, 2020).

26. É importante salientar que há relatos de casos de violência policial associados às medidas de quarentena em diversos países, como Ruanda, África do Sul e Moçambique.

27. A falta de dados dificulta a adoção de medidas pelos governos. No Gabão, por exemplo, a falta de informações dificultou a implementação de subsídios para pagamento de aluguel e hipoteca.

28. São eles: Angola, Burkina Faso, Burundi, Costa do Marfim, Gana, Guiné, Quênia, Mali, Marrocos, Namíbia, Níger, Nigéria, Senegal, África do Sul, Sudão, Zâmbia, Zimbábue.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: MUITO ALÉM DA PANDEMIA

Mediante o exposto, percebemos que não há narrativa homogênea sobre o enfrentamento da Covid-19 pelos países africanos, que são afetados de formas diferentes e põem em prática políticas diversas. Porém, a maior parte dos governos africanos adotou medidas de enfrentamento tão logo surgiram os primeiros casos de Covid-19 em seus respectivos países. Ademais, os países que enfrentaram epidemias recentemente parecem estar apresentando estatísticas de mortalidade e de contágio menores. No entanto, isso pode se revelar um problema mais à frente, uma vez que o combate a outras doenças pode ter ficado em segundo plano.

As consequências da pandemia na África podem ser desestabilizadoras, podendo vir a aprofundar crises já existentes – humanitária, socioeconômica, de desenvolvimento e política. Uma vez que ela atingiu, primeiro, o mundo industrializado, o continente africano foi inicialmente afetado pela grande diminuição dos fluxos comerciais. Entretanto, ao atingir a África, a Covid-19 exacerba esses impactos, com o fechamento de fronteiras e medidas de distanciamento social. Vale lembrar que a maior parte da população está no setor informal, com ganhos, muitas vezes, diários para sua subsistência. A pandemia, portanto, agrava outras crises.

Por fim, cabe salientar que a difusão de enfermidades como a Covid-19 impacta a humanidade como um todo, mas afeta as populações marginalizadas de forma mais profunda, uma vez que possuem precário acesso à saúde. No caso africano, com seus diversos problemas – econômico, social, de segurança e humanitário –, o enfrentamento da pandemia torna-se ainda mais difícil e urgente, motivo que levou os governos a tomarem medidas ainda na fase inicial de disseminação. Como exposto, contudo, a Covid-19 pode vir a ampliar e aprofundar os problemas e dilemas já existentes na região.

REFERÊNCIAS

AFRICA CDC – AFRICA CENTRES FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. **Outbreak brief 25: Covid-19 pandemic**. [s.l.]: Africa CDC, July 2020. Disponível em: <<https://africacdc.org/download/outbreak-brief-25-covid-19-pandemic-07-july-2020/>>.

BESSA, Marcelle. Africa's disproportionate Covid-19 pandemic. **E-International Relations**, 2 June 2020. Disponível em: <<https://www.e-ir.info/2020/06/02/africas-disproportionate-covid-19-pandemic/>>.

CORONAVÍRUS: 3 respiradores para 5 milhões de pessoas: o drama da pandemia na África. **BBC News**, 9 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52232601>>.

COVID-19: ONU lança apelo global de US\$ 2 bilhões para ajudar países mais vulneráveis. **ONU News**, 25 mar. 2020. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2020/03/1708492>>.

G20 – GROUP OF TWENTY. **G20 finance ministers and Central Bank governors meeting**. [s.l.]: G20, 15 Apr. 2020. Disponível em: <[https://g20.org/en/media/Documents/G20_FM_CBG_Communicu%C3%A9_EN%20\(2\).pdf](https://g20.org/en/media/Documents/G20_FM_CBG_Communicu%C3%A9_EN%20(2).pdf)>.

IMF – INTERNATIONAL MONETARY FUND. **World Bank Group and IMF mobilize partners in the fight against Covid-19 in Africa**. [s.l.]: IMF, Apr. 2020. (Press Release, n. 20/168). Disponível em: <<https://www.imf.org/en/News/Articles/2020/04/17/pr20168-world-bank-group-and-imf-mobilize-partners-in-the-fight-against-covid-19-in-africa>>.

NARANJO, José. Pandemia e pobreza, o duplo desafio aterrador da África. **El País**, 4 abr. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/internacional/2020-04-04/pandemia-e-pobreza-o-duplo-desafio-aterrador-da-africa.html>>.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Resumo de políticas:** impacto da Covid-19 na África. [s.l.]: ONU, maio 2020. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2020/05/covid-africa-onu-maio-2020.pdf>>.

UNECA – UNITED NATIONS ECONOMIC COMMISSION FOR AFRICA. **Trade policies for Africa to tackle Covid-19.** [s.l.]: UNECA; ATPC, Mar. 2020. Disponível em: <<https://www.uneca.org/publications/trade-policies-africa-tackle-covid-19>>.

UN-HABITAT – UNITED NATIONS HUMAN SETTLEMENTS PROGRAMME. **Covid-19 in African cities:** impacts, responses and policies. [s.l.]: UN-HABITAT; UNCDF, 2020. Disponível em: <<https://unhabitat.org/covid-19-in-africa-cities-impacts-responses-and-policies>>.

UNICEF – UNITED NATIONS CHILDREN'S FUND. **How Covid-19 is changing the world:** a statistical perspective. [s.l.]: UNICEF, May 2020. v. 1. Disponível em: <<https://data.unicef.org/resources/how-covid-19-is-changing-the-world-a-statistical-perspective/>>.

WHO ramps up preparedness for novel coronavirus in the African region. **WHO Africa News**, Brazzaville, 31 Jan. 2020. Disponível em: <<https://www.afro.who.int/news/who-ramps-preparedness-novel-coronavirus-african-region>>.

APÊNDICE

QUADRO A.1

Regiões da Organização Mundial de Saúde (OMS)

Regiões	Países e territórios
África	África do Sul, Nigéria, Gana, Argélia, Quênia, Etiópia, Camarões, Costa do Marfim, Madagascar, Senegal, República Democrática do Congo (RDC), Gabão, Guiné, Zâmbia, Mauritânia, Guiné Equatorial, República Centro-Africana, Malawi, Zimbábue, Congo, Suazilândia, Cabo Verde, Mali, Sudão do Sul, Namíbia, Ruanda, Guiné-Bissau, Moçambique, Serra Leoa, Benim, Libéria, Uganda, Angola, Burkina Faso, Níger, Chade, Togo, São Tomé e Príncipe, Botswana, Lesoto, Tanzânia, Gâmbia, Burundi, Comores, Maurício, Eritreia, Seychelles, Mayotte e Reunião.
Américas	Estados Unidos, Brasil, México, Peru, Chile, Colômbia, Argentina, Canadá, Equador, Bolívia, República Dominicana, Panamá, Guatemala, Honduras, Venezuela, Costa Rica, El Salvador, Haiti, Paraguai, Nicarágua, Cuba, Suriname, Uruguai, Jamaica, Bahamas, Guiana, Trindade e Tobago, Barbados, Antígua e Barbuda, Belize, São Vicente e Granadinas, Santa Lúcia, Granada, Dominica, São Cristóvão e Neves, Porto Rico, Guiana Francesa, Ilhas Virgens, Martinica, Guadalupe, Ilhas Cayman, Bermudas, São Martinho, Aruba, Ilhas Turcas e Caicos, Saint Martin, Curaçau, Malvinas, Montserrat, Países Baixos Caribenhos, São Bartolomeu, Ilhas Virgens Britânicas, Saint-Pierre e Miquelon e Anguilla.
Mediterrâneo Oriental	Irã, Paquistão, Arábia Saudita, Iraque, Catar, Egito, Omã, Kuwait, Emirados Árabes Unidos, Bahrain, Afeganistão, Marrocos, Sudão, Djibouti, Líbano, Líbia, Somália, Iêmen, Tunísia, Jordânia, Síria e Território Ocupado da Palestina.
Europa	Rússia, Reino Unido, Espanha, Itália, Turquia, Alemanha, França, Cazaquistão, Suécia, Ucrânia, Bélgica, Israel, Bielorrússia, Holanda, Romênia, Portugal, Polónia, Armênia, Quirguistão, Suíça, Azerbaijão, Sérvia, Irlanda, Uzbequistão, Moldávia, Áustria, República Tcheca, Dinamarca, Bósnia e Herzegovina, Bulgária, Macedónia, Noruega, Finlândia, Tajiquistão, Luxemburgo, Albânia, Croácia, Grécia, Hungria, Montenegro, Eslováquia, Eslovênia, Lituânia, Estônia, Islândia, Letônia, Geórgia, Chipre, Andorra, Malta, São Marino, Mônaco, Liechtenstein, Santa Sé, Kosovo, Ilha de Man, Jersey, Guernsey, Ilhas Faroé, Gibraltar e Groenlândia.
Sudeste Asiático	Índia, Bangladesh, Indonésia, Nepal, Maldivas, Tailândia, Sri Lanka, Myanmar, Butão e Timor-Leste.
Pacífico Ocidental	Filipinas, China, Singapura, Japão, Austrália, República da Coreia, Malásia, Nova Zelândia, Vietnã, Mongólia, Camboja, Brunei, Papua Nova Guiné, Fiji, Laos, Guam, Polinésia Francesa, Ilhas Marianas e Nova Caledónia.

Elaboração da autora.

QUADRO A.2

Regiões da União Africana

Regiões	Países
Norte	Argélia, Egito, Líbia, Marrocos, Mauritânia, Saara Ocidental e Tunísia.
Sul	África do Sul, Angola, Botswana, Lesoto, Malawi, Moçambique, Namíbia, Suazilândia, Zâmbia e Zimbábue.
Oeste	Benim, Burkina Faso, Cabo Verde, Costa do Marfim, Gâmbia, Gana, Guiné, Guiné Bissau, Libéria, Mali, Níger, Nigéria, Senegal, Serra Leoa e Togo.
Leste	Comores, Djibouti, Etiópia, Eritreia, Quênia, Madagascar, Maurício, Uganda, Ruanda, Seychelles, Somália, Sudão, Sudão do Sul e Tanzânia.
Central	Burundi, Camarões, República do Congo, Gabão, Guiné Equatorial, República Centro-Africana, RDC, São Tomé e Príncipe e Chade.

Elaboração da autora.

